

## “Maria Pia, a Mulher que Queria Ser Rainha de Portugal”

de Jean Pailler

Júlio Conrado

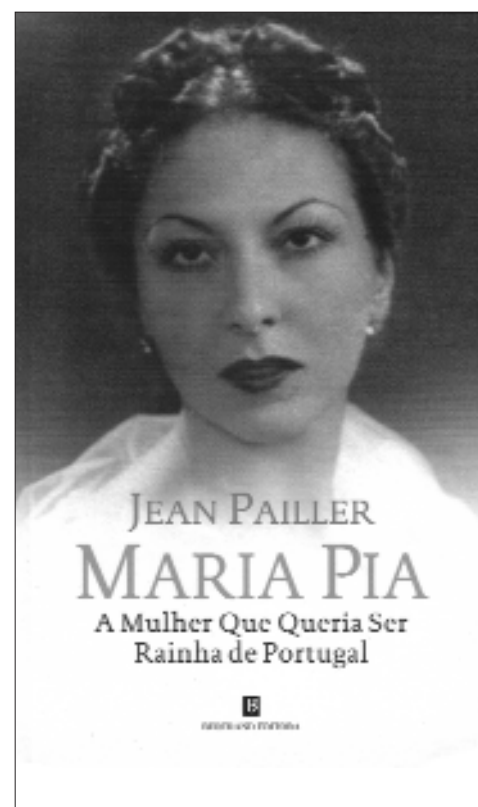
Chamo a atenção para alguém que merece da inteligência portuguesa reconhecimento pela constância do seu amor pela nossa cultura em geral e pela nossa literatura em particular: Jean Pailler. Os contornos mais definidos desta paixão remetem para três pólos de sedução muito marcados: Eça de Queiroz, o relato e biografia históricos localizados no período imediatamente anterior à instauração da República e a história da Revolução dos Cravos, de que foi testemunha activa quando nessa altura desempenhava na Embaixada de França em Lisboa as funções de Adjunto do Adido de Defesa. A permanência em Lisboa deste francês nascido em Casablanca em 1941, hoje residente em Biarritz, e a intensidade com que se identificou com as peculiaridades do país, deram azo a que posteriormente viesse a ser considerado o mais importante especialista francês da Revolução de Abril, fora da universidade, e, porque de aí irradiou para incursões na cultura portuguesa que o conduziram a Eça, um igualmente reputado estudioso, tradutor e grande divulgador do legado queiroziano. Mas igualmente a turbulenta transição da Monarquia para a República o interessou profundamente.

O sucesso (cinco edições sucessivas, prevendo-se a sexta para breve) da versão portuguesa de *Carlos I, Roi du Portugal*, deve-se, quanto a mim, a duas causas primordiais: ao facto de até então ser lacunar a existência de uma biografia do penúltimo rei português expurgada da parcialidade e extremismos com que, quase cem anos depois do Regicídio, ainda é apresentada a figura do monarca, o que Pailler

supera com grande isenção de análise, e também porque o escritor o faz numa linguagem despojada, atraente, não erudita, aqui e além pontuada por fina ironia e por comentários certos de quem inquiriu com escrúpulo e sabe adequar o dinamismo da investigação ao discurso coloquial. Pailler resistiu quanto pôde à publicação do livro em Portugal, alegando que fora escrito para dar a conhecer ao público francês a história do rei, receando, talvez, o confronto com especialistas portugueses. Acabou por ceder e as consequências, bastante positivas, vieram dar razão a quem defendia a edição portuguesa do livro (*D. Carlos I, Rei de Portugal*, Bertrand), que tive a honra de traduzir.

Ora Jean Pailler, depois do seu afortunado *D. Carlos*, lançou mão de uma não menos intrigante figura, supostamente a filha bastarda do rei assassinado, dando como que sequência ao primeiro livro num mesmo registo histórico, social e político, com extensões aos tempos actuais que afloram espontaneamente no texto por força do conhecimento que o autor tem da contemporaneidade portuguesa. A matéria é controversa (veja-se as posições do historiador monárquico Augusto Ferreira do Amaral exaradas em posfácio), e ainda assim Pailler aventurou-se a seguir o rasto da personagem da vida real a um tempo fascinante e patética, traçando-lhe a biografia no seu estilo extremamente sugestivo, de fácil assimilação pelo leitor. À semelhança da obra precedente, *Maria Pia* revela-se um precioso instrumento de introdução de um largo público a questões habitualmente debatidas em foro académico. E tal como *D. Carlos I*

se transformou, por força da linguagem de comunicação fácil e por se tratar de assunto, para uma parte significativa do povo português, contendo ainda uma dose considerável de “mistério”, num apetecido texto de iniciação, assim *Maria Pia, A Mulher que queria ser Rainha de Portugal* (Bertrand) está, dir-se-á, “condenado” a cumprir destino semelhante, considerando o quase desconhecimento dos caminhos trilhados por uma criatura da qual todavia muito se tem ouvido falar e relativamente a quem a lenda da paternidade “real” se encarregou de alongar o seu braço até com ele cingir o imaginário colectivo. Que a investigação tenha sido levada a cabo predominantemente “no exterior” por um francês probo, apaixonado pela controversa figura mas





- MARTINS, Eunice, *Le Rebelle* (roman), éd. Scripta, Resmarec, 22170 Lanrodec, 2005, 86 p.
- MICHON, Pascal, HAUSER, Philippe, CARNEVALE, Fulvia e BROSSAT, Alain, *Foucault dans tous ses éclats*, Paris, L'Harmattan, col. Esthétiques, 2005, 231 p., 21 Euros.
- *Mirabilis : de veias ao sol*, antologia dos novíssimos poetas cabo-verdianos (organização e selecção de José Luís Hopffer C. Almada), Instituto de Promoção Cultural, Mindelo (Cabo Verde), 1998, 561 p.
- PAILLER, Jean, *Maria Pia, a Mulher que Queria Ser Rainha de Portugal*, Lisboa, Bertrand, 2006, 149 p.
- PENJON, Jacqueline et RIVAS, Pierre (ed.), *Lisbonne, Atelier du lusitanisme français*, Actes du colloque organisé par le CREPAL, Université Paris 3 - Sorbonne nouvelle, 23-24 janvier 2004, Paris, Presses Sorbonne Nouvelle, 2005, 136 p.
- ROSENBERG, Erika, *Emilie Schindler, une héroïne dans l'ombre d'Oskar Schindler*, Paris, Editions Lanore, 2005, 190 p., ill. 18 Euros
- SATO, Maria Helena e ROMANO, Luís, *O Poeta Além-Vale António Januário Leite*, Perfil poético-biográfico, pesquisa e antologia por Ls Romano; Apresentação, organização e diálogos com Luís Romano por Maria Helena Sato, Campinas, Editora Komeidi, 2005, 208 p.
- SPÍNOLA, Danny, *Infinito Delírio* (poesia), Instituto da Biblioteca Nacional, Praia (Cabo Verde), 2002, 136 p.

JOURNAIS & REVISTAS  
JOURNAUX & REVUES

- **Artiletra**, Jornal-revista de Educação, ciência e cultura (Mindelo, Cabo Verde), n.os 74, Dez. 2005; 36 pp. et 76, Fev. 2006, dir. Larissa Rodrigues e João B. Rodrigues - Caixa Postal 359, Mindelo, S. Vicente - Cabo Verde.
- **Autre Sud** ("Poésie d'aujourd'hui"), *Voix croisées : Brésil-France* (12 poètes bahianais et 12 poètes français). N<sup>o</sup> Hors-série, février 2006, en partenariat avec la revue Iararana, de Salvador de Bahia. Parc d'activités de la Plaine de Jouques, 200, av. de Coullins. 13420 Gémenos, tél. 04 42 32 75 42, autresud@horizon-imprimeries.com
- **Cabiers du Brésil Contemporain**, n<sup>o</sup> 57/58, 2004-2005, 352 p. - L Brésil et le marché mondial de la coopération scientifique, dirs. Ignacy Sachs et Afrânio Garcia
- **Em Movimento**, n<sup>o</sup> 3, 12 p. (Lisboa), quadrimensal da responsabilidade do PCP Emigração, dir. João Armando.
- **Foz do Lima**, n<sup>o</sup> 177, março 2006 (Viana do Castelo), dir. Porfírio Silva
- **Les Langues Néo-latines** (revue de l'Association des enseignants de langues vivantes romanes), numéro spécial sur le Brésil, avril 2006. 11, avenue Martelet, 94500 Champigny-sur-Marne, tél. 01 47 06 19 02, www.langues-neolatines.org
- **Lusojornal**, semanal, n<sup>o</sup> 67 - 23 março 2006 (Paris), dir. Carlos Pereira
- **Lusotopie** 2004, Médias, pouvoir et identités, 490 p., Paris, Karthala - C. de réd. dirigé par Michel Cahen.
- **Migrations Santé** n<sup>o</sup> 124-125, 220 p. - Migration chinoise : traditions, valeurs et bien-être, dir. M. El Moubaraki.
- **Sigila** n<sup>o</sup> 17, printemps-été 2006, 252 p. (Paris), Thème: en cachette, dir. Florence Lévi.

imune a pressões de qualquer tipo, confere pelo menos a *esta* intriga internacional uma base de isenção que a credencia. O leitor confia em escritores que não poupem esforços para lhe transmitir informações fidedignas obtidas em fontes independentes, algumas de difícil acesso. Este será o caso de Jean Pailler, cujas opções podem ser discutíveis, mas a quem ninguém objecta a qualidade das fontes consultadas e os cruzamentos de probabilidades que tais averiguações lhe proporcionam conduzindo-o a resultados por vezes surpreendentes.

É legítimo aventar-se que Pailler poderia ter ido mais longe na pesquisa ao tentar desvendar o que anda D. Rosário Poidimani a fazer com os títulos nobiliárquicos legados pela "pretendente", vigorando em Portugal um regime republicano, que os aboliu, e, ainda que assim não fosse, esses mesmos títulos "não serem susceptíveis de transmissão, senão de renúncia" (Augusto Ferreira do Amaral, no posfácio). Pailler não quis entrar por aí: ficou-se "pela personalidade invulgar de Maria Pia, cujo traço de carácter mais notável era, para o escritor espanhol Venceslao Fernandez Flórez, a *fantasia*." Impôs-se-lhe acima de tudo que este livro tratasse "da personalidade, da vida picaresca, das batalhas quixotesicamente travadas e perdidas, do fim shakespeariano daquela que se autodenominou Duquesa de Bragança." E não falhou nesse objectivo para si essencial, e, no fundo, aquele que verdadeiramente também importa a quem pretenda conhecer de uma maneira agradável, descontraída e apelativa, como num romance, a história de uma mulher de quem "não apareceu nenhuma prova material de que fosse, como pretendia, filha do Rei D. Carlos, mas também não surgiu nenhum facto estabelecendo definitivamente a sua impostura", mas que foi, indiscutivelmente, uma grande personagem romanesca que não se desdenharia colocar ao lado de algumas aventureiras de renome da história da literatura.

Ainda assim, Jean Pailler urde uma complexa teia de possibilidades em torno das peripécias dos

nascimento e baptismo da filha da senhora Laredó, reunindo um conjunto de indícios desfavoráveis à linhagem real de Maria Pia, para depois, em reviravoltas dignas da melhor literatura policial, avançar com argumentos que tornam pelo menos verosímeis os fundamentos da construção do mito através da prova "documental" que é a carta firmada pelo punho do rei. O seu devaneio – assim o considera ele, mas trata-se de um "devaneio" que assenta em conjecturas muito sóbrias e bem estruturadas – desagua numa hipótese que desafia as imaginações mais férteis ao fazer do autor da régia epístola, não o "pai" mas sim o "avô" da mulher que quis ser rainha de Portugal. O pai seria, então, o príncipe herdeiro D. Luiz Filipe, o que teria levado o rei, para abafar o escândalo, a escrever uma carta cujo conteúdo um exercício de psicanálise do texto, até certo ponto, desmontaria e ajudaria a clarificar zonas de ambiguidade que autorizassem a metamorfose do "devaneio", de especulação pura em pista plausível. Subsiste a disponibilidade manifestada pela parente de sangue mais próxima de Maria Pia de se submeter ao teste do ADN, o que, de uma vez por todas, resolveria o caso, deitando por terra a versão do embuste ou corroborando-a, e determinando se as intuições "devaneantes" de Pailler - pai ou "pai"-avô? - teriam alguma razão de ser.

Palpitante e emotivo, *Maria Pia, A Mulher que queria ser Rainha de Portugal*, contém os ingredientes indispensáveis a uma enriquecedora experiência para o leitor, pois, como bem nota o académico Augusto Ferreira do Amaral no posfácio, favorável, aliás, à tese da impostura, "seria despropositado empastelar o livro com maçadas alegações, estragando o agradável prazer da leitura da prosa fluida e turbilhonante com que o autor nos brinda" ●